

FERNANDO PESSOA: NEM TUDO SÃO ROSAS

JOSÉ BLANCO

Fundação Calouste Gulbenkian
jose.blanco@clix.pt

Se as rosas dos jardins de Adónis eram amadas por Ricardo Reis, nem tudo são rosas nos jardins da crítica pessoana. No ramallete universal de flores que celebra o génio de Fernando Pessoa, encontram-se de vez em quando cardos, cactos e outras plantas agressivas, cujos espinhos quero aqui brevemente detectar. Espero que esta acção profilática vos divirta, pois vou dar-vos a conhecer – ou recordar-vos – notáveis disparates ditos ou escritos sobre Fernando Pessoa.

Os espinhos das vozes discordantes começaram a fazer-se ouvir ainda em vida do próprio Pessoa.

Graças a Pedro da Silveira (que descobriu o texto) e a Joaquim-Francisco Coelho (que o publicou), temos hoje conhecimento de uma crítica feita em 1925 por dois autores que se escondiam atrás dos pseudónimos «Mateus da Prata» e «Julião Farnel», num opúsculo intitulado *Cadastro*, em que satirizavam várias figuras literárias representativas do Modernismo em Portugal.

Fernando Pessoa era objecto do seguinte «poema» em verso de pé quebrado em que, penso que pela primeira vez, se tentava em tom jocoso dar uma explicação do fenómeno heteronímico:

*O Fernandinho é Pessoa
Com tantos nomes dispersos,
Que não se encontra em Lisboa
Arrebanhados à toa
Apelidos tão diversos!*

*Isto nele é tão banal
 Como a destreza num potro.
 Se a obra encarreira mal,
 Pensa a gente: É natural!
 Se não é dele... é do outro!*¹

Durante a polémica suscitada pelo artigo sobre *Associações Secretas*, publicado em 1935 no *Diário de Lisboa*, José Cabral, deputado à Assembleia Nacional chamou a Pessoa «um raté qualquer da literatura e da vida», classificando-o como «um pobre escrevedor, que afinal apenas conseguiu divertir o público com os seus esgares»².

Seis anos após a publicação da *Mensagem*, o muito conservador Conselheiro Fernando de Souza, director do jornal católico *A Voz*, prevenia que a leitura da obra não é propícia à cultura sã dos espíritos juvenis, pelas «extravagâncias de pensamento de forma» que encerra e pela «confusão de ideias» que a deslustram³.

Em 1948, Raimundo de Castro Meireles, chamou a Fernando Pessoa «poeta singularmente obscuro», autor de «algumas poesias incompreensíveis»⁴.

No mesmo ano, o crítico João Mendes, escrevia na *Brotéria* que, ao olharmos para o conjunto da obra pessoana (nessa altura tinham sido publicados os quatro volumes da edição Ática), «invade-nos a sensação de qualquer coisa fracassada, revelando uma falta de estruturação que é resultante de falta de alma, ausência do princípio vital que desse calor e pulsação a um corpo vivo: não se finge de Deus impunemente»⁵.

É muito conhecida a opinião que Teixeira de Pascoaes tinha de Pessoa e que manifestou publicamente numa entrevista concedida em 1950 a Álvaro Bordalo. Em discurso directo, afirmou Pascoaes: «Considero, sim senhor, Fernando Pessoa como um grande talento. Mais: afirmo que como crítico e como ironista não houve outro que o igualasse (...) não digo que não foi mau poeta. Digo que não foi poeta, isto é, nem bom nem mau poeta. E se foi poeta, foi-o só com exclusão de todos os outros, desde Homero até aos nossos dias. Veja a «Tabacaria»: não passa de uma brincadeira. Que poesia há ali? Não há nenhuma, como não há nada... nem sequer cigarros!... Fernando Pessoa tentou intelectualizar a poesia, e isso é a morte dela (...) Veja o poema (poema?!), que começa «O que nós vemos das coisas são as coisas»... Isto não é poesia, nem filosofia, nem nada... (...) Fernando Pessoa quanto era lógico na prosa, era ilógico no verso. (...) Em resumo, Fernando Pessoa não foi poeta, porque foi dotado dum raciocínio matemático (...) quanto ao Fernando Pessoa político, a impressão que tenho é a de que em política era o mesmo

¹ COELHO, 1987: 90.

² CABRAL, 1935.

³ SOUZA, 1940.

⁴ MEIRELES, 1948.

⁵ MENDES, 1948.

que em poesia. Tinha a arte de tornar o «sim» igual ao «não» e vice-versa... Em suma, um «blagueur» genial»⁶.

Na sua *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, publicada em 1950, João Gaspar Simões escreveu a propósito das grandes Odes de Álvaro de Campos que elas tinham um lugar único na poesia portuguesa «mas não inteiramente como poesia, sobretudo como record de virtuosismo e de mistificação verbal».

Entre as críticas que saíram, na época, da obra de Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, houve uma que merece ser recordada. Foi seu autor o jornalista e escritor açoriano Jaime Brasil, criador da página «Das Artes e das Letras» de *O Primeiro de Janeiro*.

Nessa mesma página, em 14 de Março de 1951, Jaime Brasil iniciava a sua recensão com estas significativas primeiras linhas: «Quem diria ao Fernando Pessoa do «Orpheu» e dos fingimentos e disfarces poéticos que a sua mitomania literária seria objecto duma dissertação de concurso numa Universidade?». Depois de comentar achar que Prado Coelho «toma muito a sério a farsa dos heterónimos e busca encontrar uma unidade no que foi um feixe de absurdos e contradições, tanto nas ideias como nas formas», Jaime Brasil fala no ««caso Pessoa», que a moda literária lançou ultimamente».

Criticando Prado Coelho por desdenhar, no seu estudo, «os elementos biográficos e psicanalíticos que definem e catalogam o caso patológico de Fernando Pessoa», o crítico conclui com uma lamentação: «Bem desejaríamos ver estudo tão escrupuloso e claramente redigido aplicado a outros poetas que pela larga visão, altitude do pensamento e, mesmo, pelo lado formal, trouxeram realmente às letras portuguesas algo de novo e exemplar» – e cita, como exemplos, Camões, Antero e António Nobre, escritores que «vivem apenas da sua pura criação poética e não por fabricarem falsos estados civis como poetas, para mistificar os pósteros».

Em 1955, João Ilharco, que era professor do ensino primário e, como então se dizia, publicista, escreveu um livro intitulado *Libelo contra a Poesia Modernista* (edição de autor), no qual se ocupa largamente de Fernando Pessoa em 118 páginas virulentas (contra 47 páginas em que destrói Mário de Sá-Carneiro, José Régio e Adolfo Casais Monteiro). Embora não seja sua intenção negar o talento poético e os dotes de inteligência de Pessoa, Ilharco procura provar que poucas vezes o poeta fez bom uso de um e dos outros. Para Ilharco, muitos dos seus versos só podem ser vistos como «produtos da embriaguez ou da loucura», provando que sofria de «paranóia constitucional». Entre muitas outras acusações, escreve que Pessoa, além de ser um bêbado, um sado-masoquista e um assexuado, era um poeta repetitivo, fazia erros gramaticais e escrevia mediocridades: metade dos seus «poemas» não passam de «prosa banal».

⁶ PASCOAES, 1950.

Em 1957, nas páginas da revista *Brotéria*, Agostinho Veloso, concordando com Teixeira de Pascoaes, escrevia que era levado a descrever da autenticidade da poesia de Pessoa, «na maior parte dos poemas que este «virtuoso» do verso e do fingimento nos deixou»⁷.

Foi em 1980 que Vasco Graça Moura revelou pela primeira vez a sua embirração pessoana, a propósito de Vitorino Nemésio, que considerava um poeta pelo menos tão grande como Pessoa. Mas este adquiriu o estatuto público de *mestre da sensibilidade*, nível a que Nemésio está longe de ter chegado nas cotações da praça⁸.

Mais tarde, Graça Moura haveria de declarar numa entrevista: «Não sei se gostarei de dez por cento daquilo que [Pessoa] escreveu, embora eu seja muito marcado, na minha poesia, como quase todos nós. (...) O Pessoa irrita-me em grande parte (...) Mas, mais do que isso, irrita-me a liturgia, o exercício sacralizante em redor da sua figura. É irritante e injusto (...) há muitos nomes que têm sido prejudicados por essa corrida a Pessoa»⁹.

Pessoa não irrita apenas Vasco Graça Moura: irrita também Maria Teresa Horta, que revelou em termos muito duros, numa entrevista dada em 1988: «De Fernando Pessoa irrita-me a planeada aridez, a esterilidade dos afectos, a mediocridade das emoções, o vazio do coração, o snobismo do manga-de-alpaca intelectual»¹⁰.

Voltando a Vasco Graça Moura. Em 1994, criticou as opiniões de Pessoa sobre Camões que revelam «uma total e manifesta incapacidade de entender Camões, a sua obra lírica, a sua época, bem como as coordenadas literárias e culturais dela, por vezes a raiar a patetice»¹¹. Finalmente, num artigo publicado em 1999, Vasco Graça Moura classifica o *Livro do Desassossego* como «uma imensa redundância, uma tautologia insuportável», afirmando que nela não há qualquer desespero, «nem crítica, nem inconformismo, nem revolta, nem expressão de uma humanidade de sentimentos e de convicções, nem mesmo um princípio de silêncio». A obra revela «uma sobrançeria sentenciosa e alheada de tudo»¹².

Um anónimo sob a designação «K. Sine Nomine Vulgus» afirmou, na introdução a *O Banqueiro Anarquista* publicado em 1981 pelas Edições Antígona, que a prosa de Pessoa era «sinistramente vulgar», reflectindo-se nela «o pensamento astuciosamente serôdio do mestre escola ou do professor universitário, dum reaccionarismo grosseiro e, utilizemos os vocábulos ultimados pela história, FASCISTA. O prosador-Pessoa não é um poeta, é um cabotino reaccionário, primitivo e mal-alinhavado».

Num folheto publicado em 1982, sob o expressivo título *Fernando Pessoa, o cadáver adiado que procria*, a mesma editora Antígona proclamou que o cadáver de Pessoa – «poeta

⁷ VELOSO, 1957.

⁸ MOURA 1980: 44-45.

⁹ MOURA, 1988: 16-19.

¹⁰ HORTA, 1988.

¹¹ MOURA, 1994.

¹² MOURA, 1998: 137-144.

da nacionalidade e da morte, provinciano, fascista e a-social» – já fedida, sendo sorvido aplicadamente por nuvens de «moscardos neo-analfabetos». E propunha, que «ousemos, com a biqueira da bota, empurrá-lo mais fundo na cova que o envolve. A História nos agradecerá uma tal acção profilática».

Em *Conta Corrente (1969-1976)*, publicado pela Bertrand em 1982, Vergílio Ferreira escrevia que as *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, «salva uma ou outra piada (...) é um livro pobre (...) Porque falha tanto o Pessoa teorizador?»¹³.

Um espinho muito conhecido, por ter tido grande repercussão mediática é a célebre frase de Mário de Carvalho, cunhada em 1985 por ocasião das comemorações do centenário do Poeta: «Tanto Pessoa já enjoa». Escreveu então Mário de Carvalho: «Há por aí um festival à volta do Fernando Pessoa, um alarido tremendo a envolver Pessoa – o qual, a nosso ver, é um grande pretexto para justificar o total desinteresse que existe pelo conjunto dos poetas vivos (...) Até parece que depois de Camões não houve mais nenhum poeta neste País a não ser Pessoa»¹⁴.

No mesmo ano do cinquentenário da morte, o poeta Armindo Rodrigues declarava numa entrevista a Joaquim Furtado: «Olhe, ao Pessoa prefiro... o Sá-Carneiro? O Sá-Carneiro. Francamente. E estou-me rigorosamente nas tintas para essa febre pessoana que até me parece que perscruto a que se deve... mas enfim... embora o pobre do Sá-Carneiro também fosse muito reaccionário... Mas o consenso à volta da genialidade do Pessoa fez-se independentemente de considerandos ideológicos... Tem coisas perfeitamente horripilantes!... Acho detestáveis os poemas interseccionistas [sic]... só gosto de uma grande parte das ortónimas...»¹⁵.

Anos mais tarde, em 1998, Armindo Rodrigues voltaria a ocupar-se de Pessoa no seu livro de memórias, chamando-lhe «artificial, quase invariavelmente hábil, mas não raro desastrado, caminhando por cima de toda a folha com aparência de triunfante, arguto sem dúvida nenhuma e, mais do que tudo, esperto estratega da sua glória»¹⁶.

Mário de Carvalho é também um dos autores de um manifesto publicado no *JL* sob o título «Albarde-se o dono à vontade do burro ou Manifesto e demonstração de que tanto Pessoa já enjoa»: «Não se pretende investir aqui contra um pacato empregado de escritório chamado Fernando Pessoa. Provavelmente, qualquer dia, ainda se virá a descobrir que ele, afinal, era um grande poeta (...) Pessoa ficaria melhor no limbo do esquecimento, entre os outros escritores, que nos panteões oficiais, nos discursos oficiais, nos jornais oficiais». O manifesto conclui com um apelo para que seja erradicado em Portugal o ensino da literatura nas escolas, substituído pelo ensino daquilo que é realmente importante: «a história

¹³ FERREIRA, 1982: 73-74.

¹⁴ CARVALHO, 1985.

¹⁵ RODRIGUES, 1985.

¹⁶ RODRIGUES, 1998.

do futebol, os passes do toureio a cavalo, o automobilismo», concluindo que, se tal acontecesse, «todos ficaríamos muito mais tranquilos se, por fim, simplesmente ouvíssemos: Fernando Pessoa? Não conheço...»¹⁷.

No livro *O «Rei» vai em pelote*, publicado em 1986 numa edição de autor e totalmente consagrado a desmascarar o que ele chama «o bluff Fernando Pessoa», Costa Moreira Vales escreve, entre muitas outras coisas, que a *Mensagem* é feita de «poemas, poeminhas e poemetos de que só alguns obedecem às regras da composição literária»; considera que a Tabacaria é uma «maçuda coisa», embora tenha «uns bocados bonitos» e que a *Ode Marítima* «são 24 páginas de trapalhada». Moreira Vales defende que «Se Pessoa é o (ou mesmo um) dos expoentes máximos da língua portuguesa deste século XX, requiem pelo idioma de Bernardes». E conclui, inesperada e inexplicavelmente que, ao sepultar Fernando Pessoa nos Jerónimos, Portugal «esteve a fazer a apologia da droga».

Costa Brochado, que conheceu Fernando Pessoa (com quem tem uma fotografia célebre, tirada no Martinho da Arcada), disse em 1987, nas suas *Memórias*, coisas bastante desagradáveis sobre o Poeta: «coitado, passava obscuramente pelas ruas de Lisboa, sem ninguém dar conta dele, porque, sempre que escrevia era de tal forma hermético e confuso que ninguém o entendia (...) ficou-me a impressão de que Pessoa era um homem de génio mas incapaz de provar, na ordem prática, qualquer valor útil à sociedade ou a cada ser, individualmente (...) parecia muito preocupado com os destinos da humanidade mas não tinha humanidade nenhuma: era seco, árido, frio, calculista, de um raciocínio geométrico (...) talvez o nosso único grande poeta sem Amor»¹⁸.

Para João Patrício, num artigo intitulado «O pragmatismo heróico de Camões e a megalomania messiânica de Pessoa», Fernando Pessoa, antítese temperamental de Camões, foi o cultor «alucinado e vaidoso do Eu», que se propôs restaurar Portugal poeticamente, «esperando um D. Sebastião ou fazendo-se substituir por ele, se necessário fosse»¹⁹.

Ernesto Palma, escrevendo em 1989 sobre «A inflação de Fernando Pessoa», chama-lhe «poeta sem versos» e «falhado», não por falta de génio (que tinha a mais) mas porque tinha em si um «demónio malévolo», acrescentando: «E o que ainda estou para saber é se o que nos deixaste foi do génio ou foi do demónio»²⁰.

Um dos mais veementes críticos de Pessoa é o médico Mário Saraiva, que ao Poeta dedicou dois livros e três artigos em jornais. Os livros são *O Caso Clínico de Fernando Pessoa*, de 1990 (Edições Referendo) e *Pessoa ele próprio. Novo estudo nosológico e pato gráfico*, de 1992 (Clássica Editora).

¹⁷ AA VV, [s/d]: 4.

¹⁸ BROCHADO, 1987: 433-435.

¹⁹ PATRÍCIO, 1988.

²⁰ PALMA, 1989: 84-85.

Para o clínico, a saúde mental de Fernando Pessoa pede um exame médico antes de quaisquer considerações literárias ou interpretativas. A análise dos seus escritos leva a concluir que Pessoa sofria de «esquizofrenia mista de hebefrênica e paranóica», tendo como sintomas os delírios de grandeza, a abundância de neologismos esquisitos, a perda de sentimentos éticos, a tomada de atitudes estranhas ou excêntricas, a diminuição ou perda de afectividade, os absurdos e despropósitos, etc. Além da *Mensagem* e de «um ou outro poema», o seu estro prevalecente foi a sua doença. Para a dignidade da Cultura portuguesa, Saraiva advoga que é imperioso banir o *bluff* Fernando Pessoa, mas dá-lhe a devida desculpa: devido à sua doença, o Poeta não é «inteiramente responsável de tudo quanto de criticável fez ou escreveu», especialmente nos últimos anos da sua vida durante os quais se aproximou mesmo da demência.

No seu segundo livro, Mário Saraiva, utiliza o *Livro do Desassossego* como «base muito importante de diagnóstico», para provar que Pessoa era «um definido psicopata, com fortes perturbações da razão e do discurso». A essa psicose associou-se a ciclotimia, com acentuação das fases depressivas: anomalia sexual de comportamento e de ideação, fobias, alucinações auditivas e oftálmicas e a obstinação de resolver problemas insolúveis (cujas vias procurou no esoterismo, na astrologia e na alquimia). Assim sendo, escreve o distinto médico, «a investigação no espólio – ou seja, a preparação da edição crítica – deveria incluir indispensavelmente a colaboração de médicos especializados».

Num dos seus artigos sobre Pessoa, publicado em 1991, o Dr. Saraiva revelou outro sintoma da doença mental de Pessoa, que lhe havia escapado: a «graforreia», ou seja, a «necessidade permanente, imperiosa e irresistível de escrever», que se inclui no «pesado quadro sintomatológico da sua esquizofrenia»²¹.

Com o clínico Saraiva encerro este rol de vozes discordantes que se têm feito ouvir em Portugal. Mas lá fora também há exemplos de vozes discordantes. No Brasil, por exemplo.

Em 1984, Constantino de Carvalho não hesitava em proclamar: «Entre os bons poetas de língua portuguesa, Fernando Pessoa foi um deles. Mas só isso! Tudo o mais que se tem dito a seu respeito é pura lenda criada por ele próprio e propagada pelos seus apologistas demasiado crédulos»²².

E, no ano do centenário, Paulo Mendes Campos escreveu no jornal *O Estado de São Paulo*²³, «Toda a grande poesia pode ser muitas vezes desagradável. A de Fernando Pessoa é quase sempre desagradável. Tem aquela qualidade irreduzível, esmagadora, desmoralizante, parálitica, do sentimento-pensamento do homem que se encontra, por exemplo, no velório de sua mãe (...) é uma poesia irrespirável».

²¹ SARAIVA, 1991.

²² CARVALHO, [s.d.].

²³ CAMPOS, 1988: 16.

O terceiro exemplo brasileiro é, nem mais nem menos, o de João Cabral de Melo Neto que, numa entrevista concedida em 1991 à *Folha de S. Paulo*²⁴, disse: «O mal que Pessoa fez à literatura é imenso. Aquela coisa «inspirada», caudalosa, criou uma legião de poetastros que acreditam na inspiração metafísica. Até Drummond ficou assim no fim da vida... Sei lá, foi por preguiça...».

Os outros exemplos estrangeiros vêm dos Estados Unidos da América. O mais conhecido é, por ventura, o de um crítico da revista *Time*, de seu nome Paul Gray, que ao fazer a recensão do polémico livro de Harold Bloom *The Western Canon*, escreveu que o grupo de 26 escritores que, para Bloom, constituem o cânone da Literatura Universal, incluía poucas surpresas: uma dela era «the obligatory academic obscurity (Portuguese poet Fernando Pessoa)»²⁵.

O mais virulento é, sem qualquer dúvida, o poeta americano Allen Ginsberg, que no seu livro *Cosmopolitan Greetings*, publicado em 1994 (Harper Collins), inclui o poema *Salutations to Fernando Pessoa*, violenta diatribe contra o poeta português, em que se incluem versos deste género:

*Cada vez que leio Pessoa penso
Que sou melhor do que ele. Faço a mesma coisa
mais extravagantemente – ele é apenas português
e eu sou americano, do maior País do mundo.*

*Por que razão sou melhor do que Pessoa?
Sou conhecido em 4 continentes, publiquei 25 livros em
inglês e ele apenas 3
mas ele é Português, embora não tem culpa disso.*

Depois de uma série de comparações, todas elas desvantajosas para Pessoa, (incluindo a própria altura física) Allen Ginsberg acaba o poema classificando a poesia pessoana como «diarrea oral» e chamando ao seu autor, «Pessoa Schmessoa» – ou seja, Pessoa reles judeu.

Com este insulto, Allen Ginsberg junta-se, setenta anos depois, à voz do português Mário Saa que não hesitou em escrever no seu livro *A Invasão dos Judeus*, publicado em 1925, as seguintes linhas sobre o seu amigo cristão-novo Fernando Pessoa: «Nós o vemos em recorte feminino e trémulo, aconchegando a luneta, meditando e actuando. Nós o vemos fisionomicamente hebreu, com tendências astrológicas e ocultistas, um verdadeiro sacerdote do Talmud, prudente, cauteloso, tímido, dissimulado em intenções, não desmentindo a agitação temerosa que deveria ter presidido àqueles seus antepassados do ghetto!

²⁴ NETO, 1991.

²⁵ GRAY, 1994: 50-51.

(...) Deste mesmo pavor se ressentem todo o seu pensar e literatura (...) Tudo isto se revela pelos seus numerosos pseudónimos (...) esta multiplicidade de pseudónimos, a que ele chama multiplicidade de personalidades, é (...) uma ausência de personalidade única; enfim, uma falta de carácter literário (...) A falta de unidade é imprópria dos judeus; quando muito conseguem-na, como Fernando Pessoa, em pequenas doses nos pequenos trechos; as obras maiores darão, a muito custo, uma unidade qualquer, uma forçada unidade, àquilo que naturalmente nasceu sem ela. (...) Desnecessário seria, de Fernando Pessoa, conhecer-lhe a ascendência para imediatamente a conhecer: ela está-lhe na alma, como no rosto; na psicologia, como na fisiologia».

Finalmente, o romancista e crítico norte-americano Edmund White escreveu em 1998: «I have a theory that the easiest way for a minor talent to become famous is to be the only celebrity in a city that everyone wants to visit. Peggy Guggenheim in Venice, Fernando Pessoa in Lisbon, Constantin Cavafy in Alexandria and Paul Bowles in Tangier»²⁶.

E por aqui me fico. Para vosso e meu sossego, estes espinhos são esmagadoramente minoritários relativamente às rosas dos jardins pessoanos. Produto ou de inveja, ou de falta de sensibilidade, ou de incompreensão ou de pura e simples embirração pessoal, nenhum deles consegue ferir a grandeza do génio de Fernando Pessoa que, no céu dos poetas onde se encontra, até lhes deve achar graça.

Bibliografia

- AA VV, [s/d] – *Albarde-se o dono à vontade do burro ou Manifesto e demonstração de que tanto Pessoa já enjoa*. «JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias», 159. Lisboa, 23 de Julho, p. 4.
- BROCHADO, Costa (1987) – *Memórias de Costa Brochado*. Lisboa: Livraria Popular Francisco Franco, Lda.
- CABRAL, José (1935) – *Chove no Templo...* «A Voz», 2 de Junho.
- CAMPOS, Paulo Mendes (1988) – «O Estado de São Paulo», 12 de Junho.
- CARVALHO, Constantino, s. d. [1984] – *Sobre Fernando Pessoa. Ao arripio dos apologistas*. São José do Rio Preto: Editora Verbo.
- CARVALHO, Mário de (1985) – *Tanto Pessoa já enjoa*. «Diário de Lisboa», 23 de Maio.
- COELHO, Joaquim-Francisco (1987) – *Microleituras de Álvaro de Campos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FERREIRA, Vergílio (1982) – *Conta Corrente (1969-1976)*. Lisboa: Bertrand.
- GRAY, Paul (1994) – *Hurrah for Dead White Males*. «Time», Outubro. Nova Iorque.
- HORTA, Maria Teresa (1988) – *Não gostar de Fernando Pessoa*. «Tempo». Lisboa, 5 de Maio.
- MEIRELES, Raimundo de Castro (1948) – *O modernismo: Fernando Pessoa*. «Novidades», Suplemento Artes e Letras, 27 de Abril.
- MENDES, João (1948) – *Fernando Pessoa e seus heterónimos*. «Brotéria», XLVIII, 4, Outubro.
- MOURA, Vasco Graça (1980) – *Nemésio: O lance do verbo*. Póvoa do Varzim, ed. de autor.
- (1988) – *Vasco Graça Moura: Sou um homem de acção*. «Ler», 3. Lisboa: Círculo de Leitores.
- (1994) – *Pessoa Camões*. «Sábado», 20 de Agosto. Lisboa.
- (1998) – *Contra Bernardo Soares*. «PM-Política Mesmo», Maio-Junho. Lisboa.

²⁶ WHITE, 1998.

- NETO, João Cabral de Melo (1991) – «Folha de S. Paulo», 5 de Setembro.
- PALMA, Ernesto (1989) – *A inflação de Fernando Pessoa*. «Leonardo», 2, Setembro. Lisboa.
- PASCOAES, Teixeira de (1950) – *Fernando Pessoa visto por Teixeira de Pascoaes*. «O Primeiro de Janeiro», Suplemento «Das Artes e das Letras», 24 de Maio.
- PATRÍCIO, João (1988) – «Correio da Manhã», 17 de Julho. Lisboa.
- RODRIGUES, Armindo (1985) – *Isto é um país das Arábias!...* «Grande Reportagem», 28, Lisboa, 15 de Junho.
- (1998) – *Um poeta recorda-se. Memórias de uma vida*. Lisboa: Edições Cosmos.
- SARAIVA, Mário (1991) – *Graforreia em Fernando Pessoa*. «Correio da Manhã». Lisboa, 8 de Janeiro.
- SOUZA, Fernando de (1940) – *Extravagâncias sebastianistas: Mensagem por Fernando Pessoa*. «A Voz», 10 de Maio.
- VELOSO, Agostinho (1957) – *Da poesia de hoje à poesia de sempre*. «Brotéria», LXVI, 6, Junho.
- WHITE, Edmund (1998) – *A Room of His Own*, 21 de Junho.

